

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/viewFile/10699/10203>>. Acesso em: 10 maio 2011.

SOUZA, C. Políticas públicas. *Sociologias*, Porto Alegre, a. 8, n. 16, p. 20-45, jul./dez. 2006.

TESOURO NACIONAL. *Dívida Pública: Relatório Anual da Dívida Pública 2010. Plano Anual de Financiamento 2011*. Disponível em: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/divida_publica/downloads/Apresentacao_PAF_RAD_2010.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2011.

* Economista, professor do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Piauí (UFPI), mestre em Economia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e doutorando em Políticas Públicas na Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

O IDEÁRIO MAÇÔNICO E AS UTOPIAS DA MODERNIDADE

Por Teresinha Queiroz*

Resumo: Este artigo discute a interface das práticas e representações da maçonaria relativamente ao conjunto das discursões sobre o imaginário da modernidade. Racionalidades científicas, utopias, políticas e âncoras das religiosidades são construídas e discutidas enquanto saberes organizadores do mundo.

Palavras-chave: Maçonaria. Modernidade. Utopias.

A marca da pós-modernidade é o fim das utopias. O fim das utopias, entretanto, não deve ser compreendido em sentido literal ou de forma radical. Trata-se, essencialmente, de uma crise no campo da racionalidade moderna, de uma crise no domínio das explicações aceitas sobre o mundo e sobre o conjunto das transformações sociais.

A crise das racionalidades tem sido discutida, no campo historiográfico, sob o epíteto de o fim da história. Esta discussão, como aquela relacionada ao fim das utopias, tem sido igualmente colocada em termos pouco precisos e quase sempre conduzindo a vulgarizações pouco consistentes com o seu dilema epistemológico. Trata-se, também, aqui, da falência das explicações atribuídas aos grandes historiógrafos e aos pensadores do passado em torno do devir humano e dos sentidos da evolução social, conforme postos nas diferentes macroexplicações. Em outros termos, a partir, sobretudo, da década de 60 do século XX, emergiu e quase se generalizou a descrença nos sentidos predefinidos da vida social, sendo esta descrença um dos efeitos, na órbita do pensamento, da onda de pessimismo que varre a

sociedade ocidental, de forma visível a partir do final do século XIX e com certa intensidade no final do século XX e início deste milênio.

As crises, tanto do conhecimento como das crenças, ancoram-se em realidades muito concretas. As realidades quase sempre se impõem, e de forma imperiosa. As diversas ondas de pessimismo que marcam os últimos séculos têm raízes em dificuldades que se insurgem em diferentes momentos e contextos, cujos índices permanentes são as doenças, novas e velhas; a fome, que ainda avassala em âmbito quase mundial; as guerras constantes, que já tendem a se banalizar e entram no domínio do espetáculo midiático; a miséria social, nas suas mais distintas expressões; a acumulação desigual, em um mundo que é, simultaneamente, extraordinariamente rico e exponencialmente miserável. No campo sociocultural, uma gama excepcional de esforços não tem sido capaz de romper estruturas mentais que alimentam todas as formas de xenofobia, as manifestações cada vez mais sutis e requintadas de racismos, as exclusões diversas de natureza política, ideológica e social e que continuam a

alimentar as posturas eurocêntricas e formas disfarçadas de colonialismo.

Em paralelo a essas realidades poderosas e inegáveis, a humanidade tem tentado, ao longo dos séculos, criar âncoras protetoras que a balizem face à imponderabilidade dos acontecimentos. Dentre essas âncoras, ressaltam-se a religião, a ciência e as utopias.

Iniciemos pelo mais contingente: as teorias científicas. Produtora e produto da modernidade, a ciência, que aborda em princípio a natureza e que termina por alcançar os processos sociais, tem colidido, nos séculos mais recentes, em especial com os saberes religiosos de todos os matizes. A ciência é laicidade, é a colocação do homem no centro da experiência social e histórica e essa secularização se impõe em todas as suas correntes. Entretanto, as conexões com dimensões utópicas e com explicações mesmo que remotamente religiosas podem ser encontradas nas propostas científicas mais radicais. Essa vontade de ligação persiste, por exemplo, nas dimensões transcendentais que aparecem no âmago dos materialismos modernos e de maneira mais perceptível ainda nas explicações de origem idealista. Explicando melhor: as teorias sociais materialistas mais importantes da modernidade são, sem dúvida, o positivismo, em suas diferentes expressões vulgarizadas, e o marxismo. As duas teorias ultrapassam o esforço da compreensão apenas do passado e do presente e permitem extrapolar, de suas análises, toda a história, ou seja, inclusive o vir a ser, o futuro da humanidade. No positivismo, especialmente o da primeira fase de Augusto Comte, de ampla repercussão mundial, a evolução da história humana percorre os estágios teológico, metafísico e positivo, este considerado o estágio final da evolução. Nesses estágios sucessivos, as forças dominantes são a religião, a filosofia e a ciência, que orienta esse termo definitivo da evolução social. No marxismo, cujo impacto teórico e na vida histórica é por demais visível e reconhecido, as transformações da história percorrem os chamados modos de produção - dos quais se destacam o modo de produção antigo, o feudal, o capitalista e o socialista, este visto como o termo final da história. Nessas explicações, reconhecidamente científicas, os sentidos da história seguem uma evolução necessária e incontornável e são, em boa medida, independentes da ação humana. No meio científico, estas

parcelas de utopia e de teleologia é que estão suscitando o panorama já descrito de descrença.

As versões materialistas têm colidido, ao longo do tempo, não apenas com as explicações religiosas, mas, sobretudo, com as teorias das ciências sociais, cuja base é o pensamento idealista, que remonta a Platão e ao seu mundo das ideias e que, no século XVIII e seguintes, tem como expressões fundamentais as formulações de Hegel e de Kant. Esse mundo dos abstratos universais, das ideias puras, nos limites da transcendência, tem igualmente fertilizado a reflexão moderna e seu impacto é maior do que se considera num olhar menos acurado.

As utopias com as quais lidamos hoje afirmaram-se não somente no pensamento científico, como igualmente tornaram-se expressão de valores e de sentimentos arraigados vindos das mais antigas tradições religiosas de todos os tempos. Elas estão presentes em todo um conjunto de escritos sociofilosóficos - sob os epítetos do bem, do belo, do bom; aparecem sob formas teológico-jurídicas sintetizadas nas ideias de virtude e de justiça; surgem no âmbito político sob simbolismo da tríade igualdade, liberdade e fraternidade. Os signos da utopia são o desejo, a esperança, a prevalência do otimismo. A intelectualização das utopias é um registro burguês e remonta aos séculos XVII e seguintes, com a notável apropriação dos saberes de todas as esferas e de todas as idades pelas classes capitalistas em ascensão. A enciclopédia, síntese do conhecimento até então produzido, é um dos símbolos dessa ambição generalista, por abarcar todos os saberes sobre a natureza e sobre os homens. A acumulação de capital e a nova divisão social do trabalho propiciaram o surgimento dos intelectuais em uma dimensão jamais vista no passado e esses novos inventores da sociedade construíram mundos novos tanto reais quanto imaginários. O salto verificado na produção do conhecimento científico andava em paralelo ao vigor das elaborações das novas utopias, em um movimento que teve seu apogeu no século XIX. Neste século XIX, o da ordem e do progresso, e que já incorporara o temor ao século XVIII, o da revolução, em que pesem as dificuldades históricas, foi o otimismo que prevaleceu; foi o século da ciência, mas igualmente o da utopia; e é dito pelos contemporâneos, o século das luzes.

Não foi, entretanto, o século da religião. Ciência e religião enfrentam disputas acirradas e seu

diálogo intempestivo traz para a cena as polaridades culturais de todos os tempos. Essas polaridades podem ser exemplificadas pelos abstratos universais luz e trevas, síntese da mais profunda relação que os homens estabelecem com o divino e com os outros homens. A luz, em seus vários registros, simboliza o saber, o conhecimento, a perfeição interior, e sua busca propicia o encontro da harmonia universal. Os que a detêm, os iluminados, percorrem essas rotas de busca seguindo diferentes caminhos e de acordo com a natureza desta procura. Nessa simbolização, cabem tanto a pesquisa científica quanto o encontro da verdade revelada, religiosa, bem como as ferramentas para esse *desideratum*, os saberes científicos, o método, as tradições iniciáticas, os ritos religiosos ou de iniciação. A luz é o emblema da perfeição, é a claridade, é o eterno, é o permanente.

A luz só faz sentido em oposição às trevas, ao noturno, ao outro e às forças demoníacas e demolidoras. E a presença das forças diabólicas, tida como apanágio da Idade Média, é patente, sem dúvida, no mundo moderno, desde que o imaginário coletivo construiu suas referências balizado em estruturas explicativas de natureza mítica, segundo os mitos da conspiração, do salvador, da Idade do Ouro e da unidade. Vejamos cada um em particular. O mito da conspiração tem forte presença no mundo moderno e suas marcas são profundas e visíveis na experiência histórica dos séculos XIX e XX. De maneira apenas exemplificativa, é possível falar da difusão, inclusive na cultura popular, dos mitos da conspiração judaica, da conspiração jesuítica e da conspiração maçônica. Têm como esteio esses mitos, o temor imposto ao mundo pela atuação de Hitler, as acirradas e contundentes polêmicas anticlericais que envolveram em especial a igreja católica romana e parcela da maçonaria latina e as perseguições que têm constituído parte não desprezível da história da Companhia de Jesus, desde antes de Pombal, no século XVIII.

O corolário da conspiração, da força maléfica do outro, dos poderes advindos da ação em segredo, é o medo e o terror, que se expressam em decorrência de fenômenos naturais, como as pestes, as pragas, o fim do mundo, mas que derivariam da concentração da potência do mal, da ação ou da omissão do outro, trazendo a marca do diabo e de seu poder. Para atenuar, evitar e decifrar esse império do maléfico, da dor, da impureza e da

imperfeição, surgiu a figura do salvador. E aqui já nos encontramos em outro território mitológico, que permeia não apenas nosso universo religioso, mas se encontra igualmente nas experiências políticas e nas utopias sociais as mais diversas. Esse salvador não se confunde com um indivíduo tão somente; pode dizer respeito a uma entidade coletiva: uma classe, como o proletariado, no marxismo; os grandes vultos da humanidade, no positivismo; um partido político; e assim por diante.

Qual o papel histórico do salvador e como ele atua no âmbito do imaginário coletivo? O salvador torna-se o centro da ação social e política porque ele ajuda a construir a unidade; ele agrega em torno de uma ideia ou de um conjunto de ideias; realça o que há de comum para além das diferenças; aponta o caminho novo, o trajeto que levará à redenção, caminho que é condensação das forças utópicas socialmente reconhecidas. A busca do consenso, da união, da solidariedade grupal em torno de objetivos comuns pode ser realizada segundo alternativas até excludentes. Dessa forma, a cultura ocidental construiu duas explicações e dois modos principais de propiciar a mudança social: pela via evolutiva e pela via revolucionária. A revolução, cujo escopo de sangue alimenta ainda hoje a imaginação histórica, é um desses mitos persistentes e sua face mais reconhecida é a da Revolução Francesa, vermelha e redentora, desejo e miséria, plena de conteúdos tanto salvadores quanto terríficos. Santa e terrível, a queda do Antigo Regime ainda divide opiniões após mais de dois séculos de história, tal sua força simbólica, que é a força do mito. Mais perto de nós e não menos avassaladora em seus desdobramentos, a Revolução Russa é um dos momentos-síntese do século XX. Em sua conta e em virtude de sua *débâcle*, podemos colocar boa parte das inquietações e das descrenças do final do século passado.

Qual o lugar ocupado pela maçonaria nesse conjunto? Na sua dimensão especulativa, a maçonaria é produto da modernidade e produto resistente às perturbações atuais. Sacrário das forças mais sublimes que se têm debatido nos séculos mais recentes, sua história guarda interfaces com todas as temáticas aqui discretamente insinuadas. Majoritariamente de tradição teísta, já foi considerada por alguns a religião da ciência. Instituição humana, sua marca religiosa - no sentido radical do termo: ligar, religar -, traz nos seus saberes a marca da libertação de todo o mal,

da catalização das virtudes, de busca da verdade, a despeito dessa verdade apresentar-se sob diferentes formatos. Em séculos configurados pela laicidade e pela recusa do espiritualismo, a maçonaria guardou no mais recôndito do seu ser um universo de valores que se condensa no seu princípio mais geral - a sustentação da crença no Grande Arquiteto do Universo. Ponto máximo na conquista da unidade, esse salvador propicia o encontro humano na busca das virtudes mais sublimes do bem em todas as suas expressões. Saber e virtude, solidariedade e humanidade, discrição e humildade são valores que desafiam o trágico momento presente, de desesperança e de desalento para boa parte da humanidade, desconfortada de uma irmandade que resguarda no seu seio verdades simbólicas, saberes iniciáticos, tradições que são veículos seculares do que de melhor se produziu entre os homens, do que se tentou fazer e sonhar.

A despeito de sua tradição majoritariamente teísta, nem por isso maçons deixaram de se envolver em memoráveis discussões de conteúdo anticlerical e até mesmo ateuista. Porém, a tradição da instituição maçônica, seguindo um de seus princípios fundamentais, é a crença no ser superior, na divindade, em Deus. O sentido religioso da maçonaria não decorre de um respaldo institucional, desde que a maçonaria não é uma religião e não se pretende como tal, mas de seu sentido de procura do transcendente, do que está para além da matéria, buscado segundo os ritos iniciáticos. Dessa forma, o sentido da iniciação é simbólico e faz parte de uma longa tradição espiritualista e teísta, em tudo contrária às ênfases dos materialistas modernos. O que não pode ser esquecido, igualmente, é a contingência histórica e humana da instituição, que a coloca na agitação do imaginário social, nos papéis ora da suprema força do bem e da virtude, ora, para seus inimigos, como ecúleo de todo o mal ●

Bibliografia

- CAILLOIS, R. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- COMTE, A. *O espírito positivo*. Porto: Rés Editora, [197-].
- CUNHA, H. *O idealismo filosófico e o ideal artístico*. Teresina: Imprensa Oficial, 1913.
- GIRANDET, R. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HENRY, M. *A morte dos deuses: vida e afetividade em Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- QUEIROZ, T. Maçonaria e sociedade. In: SANTANA, R. N. M. de (Org.). *Piauí: formação, desenvolvimento, perspectivas*. Teresina: FUNDAPI, 1997. p. 407-427.
- STAROBINSKY, J. *1789: os emblemas da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- VOVELLE, M. (Org.). *França revolucionária: 1789-1799*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

***Professora do Curso de História e do Mestrado em História do Brasil/UFPI. Doutora em História/USP e acadêmica da Cadeira 23 da Academia Piauiense de Letras.**